

## ARTIGO HISTÓRICO

### Hospital Naval de Salvador: tradição e história

CMG (Ref<sup>o</sup>-Md) REGIS AUGUSTO MAIA FRUTUOSO\*<sup>1</sup>  
CF (Ref<sup>o</sup>-Md) GLÁUCIA REGINA DANTAS FERREIRA\*<sup>2</sup>

**Resumo:** Modernamente, a motivação para o desempenho profissional pode ser desenvolvida pelo conhecimento das origens e a conseqüente valoração das instituições desde seus primórdios. Nessa linha, visando à motivação de médicos e outros profissionais de saúde, principalmente os mais jovens, e sua identificação pessoal com o Sistema de Saúde da Marinha, narra-se a história do Hospital Naval de Salvador, um dos maiores hospitais distritais da Marinha. A partir de fatos pitorescos e pouco conhecidos, desvela-se a história da Medicina no Brasil desde a chegada do primeiro médico às terras brasileiras, acompanhando Pedro Álvares Cabral. Registra-se o período colonial e suas epidemias, chegando no desenvolvimento do império, que trouxe progresso e permitiu a criação do primeiro estabelecimento de ensino de Medicina no Brasil, a então Escola de Cirurgia da Bahia, instituída por Carta Régia de D. João em 29 de dezembro de 1815. Passando pelo império, são contadas as origens e sucessivas transformações do Hospital Naval de Salvador. Essas mudanças históricas são relembadas a partir do Largo de Nazaré, até chegar a atual localização na região portuária, sem jamais renunciar às suas tradições de assistência à família naval.

Palavras-chave: Medicina Naval; Hospitais Militares; História da Medicina.

Submetido em: 31/7/2020

Aprovado em: 20/10/2020

\*Auditor médico-pericial do Centro de Perícias Médicas da Marinha. Membro titular da Academia Brasileira de Medicina Militar. Membro da Sociedade Brasileira de História da Medicina. E-mail: regisfrutuoso@gmail.com

<sup>2</sup> Auditora médico-pericial do Centro de Perícias Médicas da Marinha. E-mail: grdantas@terra.com.br

## INTRODUÇÃO

A história, apesar de não responder totalmente às questões atuais, ajuda a compreender as primitivas como também as mais modernas tentativas humanas de controlar os agentes de infecções e curar as doenças epidêmicas.

Por tratar-se de revisão histórica, que visa desvelar fatos pouco conhecidos de momentos do passado da medicina militar no Brasil, cujas fontes são raras e pouco acessíveis, as estratégias de metodologia empregadas foram a pesquisa nos arquivos históricos da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documental da Marinha (DPHDM), da Biblioteca da Marinha e da Biblioteca do Clube Naval. Além disso, a autora fez uma visita ao Museu da Misericórdia em Salvador. Os dados nessas pesquisas foram coletados e reunidos por um período aproximado de 5 anos, organizados e agora integrando o acervo pessoal dos autores. O objetivo principal, a par de condicionantes pessoais dos autores, foi recordar e revelar os primórdios do Sistema de Saúde da Marinha (SSM) para os decanos e as novas gerações.

De forma surpreendente, a história da saúde pública no Brasil, focada no Hospital Naval de Salvador (HNSa), ao revelar os primórdios da assistência médica aos militares no Brasil, com certeza poderá ser enriquecedora para todos: leigos e profissionais de saúde.

O Brasil da era colonial já foi o país das epidemias e lembrá-las pode desvendar questões relevantes de suas prevenções e manejo. Assim, essa narrativa pode começar logo após a chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil e, numa licença poética, percorrer séculos e chegar ao século XXI.

Voltando aos fatos históricos: nos primeiros anos que se seguiram à descoberta do nosso país, a assistência médica era praticamente inexistente nas terras recém-descobertas, tanto para os civis como para os militares. Assim, quando os militares adoeciam eram acolhidos e tratados nas propriedades de famílias abastadas. Essa conduta, de caráter precário, não perdurou por muito tempo devido à insatisfação das famílias pelo crescente número de doentes, decorrente do aumento do tráfego marítimo, em longas travessias oceânicas, quase sempre em péssimas condições sanitárias com a consequente difusão de doenças nos novos núcleos populacionais.

Por certo, a situação descrita também foi motivo relevante para a insatisfação das famílias com a conduta pessoal dos militares doentes. A situação social do Brasil Colônia era marcada pela pobreza da maioria e tratar os doentes em casa era tarefa quase impossível. Com a criação das Santas Casas pela Coroa Portuguesa, descortinou-se uma esperança de melhor convivência para a população civil e os militares que viessem a necessitar de assistência médica.<sup>1</sup>

Para amenizar a situação de conflito crescente, o governo da época negociou um acordo com as irmandades religiosas, estabelecendo condições determinadas para internação dos militares doentes, que ficariam sob os cuidados de cirurgiões militares, mediante uma remuneração acordada previamente.<sup>1</sup>

Mas, mesmo assim, os leitos para tratamento médico mantidos pelas Casas de Misericórdia eram poucos e mal podiam atender os muitos doentes mais necessitados da população, onde por certo as doenças infecciosas eram prevalentes.<sup>1</sup>

Deve ser sublinhado que na época era comum o surgimento frequente de surtos epidêmicos e de conflitos armados. Esses conflitos ocorreram na província da Bahia com a invasão holandesa e, também, no Rio de Janeiro, com a chegada da Armada Espanhola do Almirante Diogo Flores Valdez com cerca de 3 mil tripulantes e numerosos doentes a bordo. A administração pública foi, dessa forma, compelida a tomar medidas imediatas para a criação de hospitais próprios para atendimento dos militares.<sup>2</sup>

Assim, surgiram no Brasil, já na época do império, os primeiros hospitais militares destinados à tropa e sustentados pela Fazenda Real. Estavam em vários locais, até que, depois da expulsão da Companhia de Jesus e confisco dos seus bens, foram ocupadas as edificações dos antigos Colégios Jesuítas tanto na Bahia como no Rio de Janeiro.<sup>1</sup>

## O primeiro médico em terras brasileiras

O espanhol João Faras, conhecido Mestre João, foi o primeiro médico a pisar em terras brasileiras, na manhã de 27 de abril de 1500. Ele fazia parte da tripulação da nau comandada por Pedro Álvares Cabral, que zarpara de Lisboa rumo à Índia, quando foi avistada, em 22 de abril de 1500, a então Ilha de Vera Cruz, posteriormente Terra de Santa Cruz, hoje Brasil.<sup>3</sup>

Mestre João era médico de El-rei D. Manoel I. Nasceu na Galícia, era bacharel em artes e medicina, além de ser astrólogo, astrônomo e físico. Em solo brasileiro, observou as estrelas do hemisfério austral, em forma de cruz direcionadas para o sul, tendo batizado a constelação de a Cruz – o Cruzeiro do Sul.<sup>3</sup> O Mestre João retornou à Índia, com Cabral, em 9 de

maio de 1500. Os cirurgiões, que aqui desembarcaram nas primeiras décadas de 1500, não permaneceram em nosso país.<sup>3</sup>

### Novas terras, novas doenças

Como já dito, as condições sanitárias a bordo na época do Brasil Colônia eram precárias. A dieta era pobre, consistindo basicamente em biscoitos de água e sal. Os depósitos de água, vinho e alimentos, como barris, tonéis e pipas não eram hermeticamente vedados, e assim deterioravam-se com rapidez. A água doce, um bem precioso, era distribuída para cada tripulante diariamente em cotas reduzidas e para tornar-se menos turva na hora do consumo era filtrada em sacos de lona, retirando-se dela corpos estranhos.<sup>4</sup>

Nos porões das naus, os marujos conviviam em ambientes insalubres, repletos de ratos, baratas e percevejos. Não havia instalações sanitárias a bordo, sendo as necessidades fisiológicas realizadas pela borda, com higiene e segurança muito precárias. Muitos marujos recolhiam-se prostrados pela peste náutica ou mal de Luanda, como era conhecido o escorbuto, causado pela deficiência de vitamina C.<sup>4</sup>

Em contraste com o péssimo estado sanitário dos navios, a recém-descoberta Terra de Vera Cruz apresentava clima aprazível com índios sadios. O quadro nosológico dos índios brasileiros à época do descobrimento consistia em parasitoses, febres, envelhecimento, mordeduras por animais peçonhentos e traumas diversos.

Com a chegada dos negros africanos como escravos, novas doenças surgiram: a ancilostomíase, a filariose, o tracoma, febres infecciosas, o bicho da costa ou dracunlose e o maculo.<sup>2</sup>

As caravelas e os navios que chegavam às terras brasileiras e traziam os colonizadores brancos, além dos aventureiros e suas mercadorias, carregavam também para as terras recém-descobertas febres intermitentes e de origem desconhecida, a tuberculose, a lepra, a varíola, o sarampo, a escarlatina, a sarna, as doenças venéreas, principalmente a sífilis e a blenorragia.<sup>2</sup>

### Brasil – terra de epidemias

O Brasil de então conviveu com várias epidemias ao mesmo tempo. Morria-se por essas terras de febre, de dor de cabeça, congestão, e até mesmo de ventos empestados. A população doente e sem assistência médica recorria em desespero aos curandeiros. Nesses tempos, o povo acreditava em feitiço, superstições de toda espécie e esperava curar seus males pela utilização de orações, banhos, despachos e chás variados.<sup>2</sup>

A medicina de então, por certo, não podia ser considerada uma ciência. Era, ao contrário, um livro de recortes variados, contendo informações – sendo que a maior parte delas e as mais valiosas haviam sido descobertas por indivíduos que não tinham a medicina como ocupação principal.

O médico americano Oliver Wendell Holmes (1809-1894), escreveu:

a medicina apropria-se de tudo, seja qual for a fonte, que possa ser de algum uso para alguém que esteja sofrendo de alguma forma, ou possa vir a enfermar-se por qualquer causa. A medicina aprendeu, de um monge, o uso do antimônio; de um jesuíta, a cura do paludismo; de um frade, como extrair a pedra bezoar; de um soldado, como tratar a gota; de um marinheiro, como evitar o

escorbuto; de um agente postal, como sondar o tubo de Eustáquio; de uma vaqueira, como evitar a varíola; e de uma velha mulher, vendedora de mercado, como catar e extrair o carrapato da sarna.<sup>5</sup>

O Brasil Colônia não era apenas o porto do tráfico de escravos, mas também um ponto de escala dos navios de guerra que iam para a Índia. Os decretos reais, que tratavam do estado sanitário e a dieta nos navios negreiros e nas naus de guerra, não chegavam a ser na verdade implementados. A colônia, na realidade, principalmente em Salvador, era invadida por escravos, soldados e marinheiros doentes, sempre que um desses navios chegava ao porto. Em 1548 a Coroa Portuguesa resolveu intervir mais diretamente na questão do povoamento do território brasileiro, nomeando como primeiro governador geral, Tomé de Sousa (1503-1579), que se estabeleceu na Bahia, fundando a cidade de São Salvador, capital do Brasil colonial até 1763.<sup>2</sup> Em 1549 foi fundada e iniciada a construção da cidade de Salvador, empreendida por Tomé de Sousa, que chegara à novel cidade com administradores, colonizadores e padres jesuítas.<sup>6</sup>

Os jesuítas, além de evangelizar os índios, os negros e até os brancos descrentes, foram durante muito tempo os médicos, boticários e enfermeiros da cidade. Os padres da Companhia de Jesus prestavam assistência aos partos, ministravam medicamentos, lancetavam, sangravam, e até mesmo identificavam as plantas de propriedades medicinais com os conhecimentos da medicina indígena.<sup>6</sup>

Ao longo do tempo, a riqueza da cultura da cana-de-açúcar propiciou o desenvolvimento da cidade de Salvador, com construções de

boas residências e igrejas imponentes ornamentadas com ouro. Dessa forma, naquela época, a capital da então província da Bahia tornou-se um dos principais portos do Atlântico Sul, conhecido como Porto do Brasil, já que oferecia abrigo aos navios vindos da Europa que traziam colonizadores e diversos produtos para comercialização. A cidade de Salvador foi a capital do vice-reinado do Brasil até 1763, quando a sede do governo colonial foi transferida para o Rio de Janeiro.<sup>1</sup>

### Trágico e heróico início da assistência médica aos militares na Bahia

A Santa Casa da Misericórdia teve origem em Portugal no final do século XV. No Brasil, as Santas Casas espalharam-se ao longo dos anos pelas principais cidades, com a finalidade inicial de distribuir alimentos, agasalhos, remédios para os mais necessitados, além de ajudar a dotar a colônia de estabelecimentos para a assistência hospitalar.<sup>1</sup>

A necessidade de internação de pacientes, por aqui recém-chegados, destituídos de recursos, sem família e sem moradia, acarretou logo no século XVI a criação de hospitais nas Santas Casas da Misericórdia, segundo os moldes das estabelecidas em Lisboa.<sup>1</sup>

No Brasil, no final do século XVI, havia em cada capitania uma irmandade com as Casas de Misericórdia e seu hospital, que muitas vezes eram sustentadas pelo governo.

Dessa forma, o surgimento dessas instituições coincidiu com uma nova política de ocupação de terras conquistadas pela Coroa Portuguesa.<sup>1</sup>

A fundação da Santa Casa da Misericórdia da Bahia teria ocorrido com a chegada do primeiro governador geral, Tomé de Sousa, em 1549, e o hospital pertencente à Misericórdia

da Bahia surgiria possivelmente anos mais tarde, durante o governo de Mem de Sá (1558-1572), um de seus provedores e benfeitores.<sup>1</sup>

Nos tempos coloniais, foi o único nosocômio geral da Bahia e, até o século XVI, era conhecido como Hospital de Nossa Senhora das Candeias ou Hospital da Cidade de Salvador. Já no século XVII, entre 1690 e 1691, o antigo prédio do hospital foi demolido e construído outro em seu lugar, que recebeu o nome de Hospital São Cristóvão ou Hospital da Caridade. Naquela época, era composto de duas enfermarias de nomes curiosos: a Enfermaria das Chagas e a Enfermaria das Febres.<sup>1</sup>

Os hospitais das Santas Casas dessa época recebiam doentes atacados de todos os males, desde os típicos e os portadores de outras doenças infectocontagiosas até mesmo os alienados, quando não eram recolhidos às cadeias. Também, nas Santas Casas, eram realizadas as cirurgias de então, que se limitavam naquela época quase que exclusivamente às amputações. Excetuavam-se dessa regra geral apenas os leprosos, para os quais havia os lazaretos. Os militares doentes que necessitassem de um tratamento mais prolongado ou com a possibilidade de invalidez, eram embarcados na próxima nau com destino a Portugal.<sup>1</sup>

O crescente patrimônio da Santa Casa da Misericórdia da Bahia era resultante de doações, isenção de impostos, além de bens imóveis e apólices da dívida pública.<sup>3</sup>

Uma das tradições mais fortes da Misericórdia era a dos sepultamentos, grande fonte de rendas. Outra importante receita da Misericórdia era a farmácia. Curiosamente, a prestação de assistência médica-cirúrgica, no entanto, era gratuita.<sup>1</sup>

Num país sempre marcado pela desigualdade social, as famílias com melhor situação financeira, quando seus membros adoeciam, tinham garantia de cuidados médicos na própria residência. Já o Hospital da Misericórdia cuidava das classes pobres, os escravos, os estrangeiros, os soldados e os marinheiros dos navios de guerra, inclusive aqueles oriundos de outros países. Também, na Santa Casa da Misericórdia eram socorridos os condenados pela Justiça e presos que adoeciam nas cadeias.<sup>1</sup>

Pelo atendimento dos militares e marinheiros das naus, a Santa Casa era indenizada pela Coroa Portuguesa. Os marinheiros estrangeiros adoentados, que aqui aportavam, eram tratados graças a uma pequena taxa cobrada dos navios que aqui atracavam. O mesmo valor era cobrado aos senhores pelo tratamento de seus escravos. O hospital também mantinha um padre a serviço dos enfermos em tempo integral, o padre da agonia, que rezava missas nas enfermarias, ouvia confissões e ministrava os sacramentos aos moribundos.<sup>1</sup>

Um documento datado de 28 de junho de 1694 já revelava a pobreza e a superlotação do hospital, como a sinalizar um triste legado que perdura até hoje, fornecendo uma nota curiosa no tocante à nomenclatura das enfermarias. Havia então 180 doentes internados, distribuídos nas seguintes enfermarias miseravelmente ocupadas:<sup>1</sup>

1. Enfermaria das Febres;
2. Enfermaria de Azougue, utilizada em tratamento com mercuriais;
3. Enfermaria das Chagas, utilizada para tratamento de feridas e lesões traumáticas;
4. Enfermaria dos Convalescentes;
5. Enfermaria das Mulheres; e
6. Enfermaria dos Incuráveis.

## ARQUIVOS BRASILEIROS DE MEDICINA NAVAL

### Hospital Naval de Salvador: tradição e história

A enfermaria destinada aos militares comportava, à época, 70 leitos, sem local melhor em que se pudesse construir outra. Nas epidemias, principalmente a de varíola, o número de doentes crescia diariamente chegando a 400 leitos. Cada leito acomodava dois a três pacientes e outros ficavam sobre esteiras embaixo do leito. Assim, era raro escapar da morte após ser internado, mesmo por lesões e doenças simples. Por exemplo, muitos entravam no hospital para tratar pequenos ferimentos e até mesmo esses infelizes acabavam morrendo de varíola.<sup>1</sup>

Nos primeiros anos do século XVIII, a Santa Casa de Salvador teve suas dependências ampliadas, com a construção de uma grande farmácia, um asilo de loucos e uma segunda enfermaria feminina. A farmácia, além de atender aos pacientes internados, era um dos poucos estabelecimentos na Bahia colonial que vendia medicamentos à população. Em 1750, o Vice-rei Conde de Atouguia (1700-1758), Dom Luís Pedro Peregrino de Carvalho Meneses de Ataíde,<sup>6</sup> o vice-rei do Brasil, recomendou ao rei que fosse providenciado um local para estabelecimento de um hospital militar, devido às altas taxas cobradas pela irmandade e pelo precário tratamento dispensado aos militares a serviço da Coroa Portuguesa.<sup>1</sup>

#### Primeiros progressos da assistência médica aos militares na Bahia

Desde o período do governo de Mem de Sá (1500-1572), os militares enfermos que necessitavam de

internação eram encaminhados para uma enfermaria do Hospital da Santa Casa da Misericórdia da Bahia. A irmandade, em alguns locais, nomeava seus hospitais com nomes de santos, como a invocar sua proteção dos céus. Pela tradição, nos seus primórdios, no caso da Bahia, chamou-se de Hospital São Cristóvão.<sup>1</sup>

A Santa Casa dos tempos da colonização constou de uma construção de taipa, com espaços para as enfermarias de homens e mulheres, pequenos compartimentos para a direção, uma recepção, que, curiosamente, na época era chamada de Sala de Banco (figura 1), por conter bancos de madeira para as pessoas aguardarem atendimento, dormitório dos empregados, cozinha e botica. Anexo ao prédio, sempre havia uma capela ou uma igreja.<sup>1</sup>

Figura 1 – Sala de Banco, hoje conhecida como Sala de Espera – Hospital Naval de Salvador



Fonte: Arquivo da Marinha (data desconhecida)

Em 1716, a Santa Casa da Misericórdia suspendeu o atendimento aos militares, por considerar insuficiente a proposta do governo da Corte, que oferecia pequenos valores por cada paciente internado no Hospital da

Misericórdia. Além disso, sempre era grande o número de pacientes de classes pobres e escravos que procuravam o Hospital da Santa Casa, dificultando um bom atendimento aos militares.<sup>1</sup>

Havia, dessa forma, necessidade de um local próprio onde eles e suas famílias pudessem ter um tratamento mais adequado. A Coroa Portuguesa, como dever de Estado, tinha que cuidar da saúde de seus servidores. Assim, cada vez mais era necessário um hospital próprio para cuidar da saúde do pessoal das forças militares.<sup>1</sup>

Em 1730, os militares doentes eram assistidos precariamente em um pequeno largo, onde existia um portão chamado Guindaste dos Padres.<sup>1</sup>

Conforme mencionado, em 1750, o Vice-rei Conde de Atouguia recomendou ao rei um local para estabelecimento de um hospital militar, para

reduzir os custos cobrados pela irmandade, que também dispensava precário tratamento aos militares a serviço da Coroa.<sup>1</sup>

Com a ameaça de invasão da cidade de Salvador pelos espanhóis, em 1776, determinou-se a construção de um hospital militar no outeiro de Nossa Senhora da Palma, o Hospício de Nossa Senhora da Palma, da Congregação dos Frades Agostinianos Descalços, em local que estava desabitado.<sup>6</sup>

Durante as reformas para adaptar o Hospício da Palma, que estava em péssimas condições, e transformar suas instalações precárias em hospital militar, a cidade de Salvador foi açoitada pelo terrível contágio das bexigas, sendo



## ARQUIVOS BRASILEIROS DE MEDICINA NAVAL

### Hospital Naval de Salvador: tradição e história

de imediato o convento ou hospício da Palma, modificado para socorrer os doentes vitimados por mais uma epidemia. Desafortunadamente, como foi mencionado, até os pacientes que internaram com patologias sem gravidade e pequenas feridas acabavam morrendo de varíola.<sup>6</sup> Dessa forma, os vitimados pela epidemia foram transferidos para a antiga enfermaria do colégio pertencente aos jesuítas, que tinham sido expulsos pelo marquês de Pombal, localizado no Terreiro de Jesus e os convalescentes da epidemia e os portadores de outras patologias permaneceram no novo Hospital da Palma.<sup>6</sup>

Assim, a epidemia de varíola foi responsável pela instalação emergencial do Hospital Real Militar da Bahia (figura 2), no extinto Colégio dos Jesuítas sendo, portanto, 4 de outubro de 1799 a data exata da criação do novo hospital militar. Nesse local, veio a funcionar a Escola de Cirurgia da Bahia, iniciando-se, assim, o ensino médico no Brasil pela Carta Régia de 18 de fevereiro de 1808.<sup>6</sup>

#### A história de hospitais itinerantes

A frota que partira de Lisboa, em 27 de novembro de 1807, com destino ao Brasil, trazendo a Família Real e grande número de pessoas da Corte, foi surpreendida por um temporal que dispersou os navios de modo que a nau em que viajavam a rainha e o príncipe regente aportou à Bahia em 22 de janeiro de 1808, enquanto o resto da frota seguia para o Rio de Janeiro. Acompanhava D. João,

um médico brasileiro Cirurgião-Mor do Reino, José Correia Picanço, que teve grande importância na história da criação do ensino médico no Brasil.<sup>3</sup>

Com o intuito de reformar o ensino médico ministrado aos estudantes do primeiro estabelecimento de ensino de Medicina no Brasil, na então Escola de Cirurgia da Bahia, foi instituído por carta régia de D. João, datada de 29 de dezembro de 1815, e inaugurado em 17 de março de 1816, o Collegio Medico Cirurgico.<sup>6</sup> Em 3 de outubro de 1832, foi sancionado decreto transformando o Collegio

da Palma, que se encontrava em péssimas condições, para a Caza do Trem Militar dos Afflictos, localizada no Largo dos Aflitos, próxima ao Passeio Público, em Salvador. A Caza do Trem Militar dos Afflictos era uma repartição militar do Exército, onde funcionava uma oficina militar de grande porte e armazém geral, para confecção de uniformes militares, além de fabricação e reparos de armamentos e boticas ambulantes.<sup>6</sup>

O Hospital Militar da Caza do Trem Militar dos Afflictos permaneceu até 24 de fevereiro de 1876, quando

foi transferido para uma edificação denominada Solar do Barão de Castro Neves, adquirida pelo governo federal, situado no local conhecido como Pitangueiras.<sup>6</sup> O Hospital Militar em Pitangueiras (figura 3) permanece até os dias de hoje, localizado na ladeira dos Galés, no bairro de Brotas, na cidade de Salvador, recebendo, ao longo do tempo, melhorias, reformas, aquisição de outro prédio, com instalação de um novo pavilhão e transformações

constantes até atingir seu estado atual.<sup>6</sup>

Em 3 de junho de 1947, conforme comunicação feita pela Diretoria de Saúde do Exército, passa o Hospital Militar da Bahia a ser denominado Hospital Militar de Salvador, recebendo assim o nome da cidade onde está instalado.<sup>6</sup>

Em 8 de julho de 1953, a Portaria nº 284 do Ministério do Exército estabelece que o Hospital Militar de Salvador, passa a se chamar Hospital Geral de Salvador (figura 4), destinado ao atendimento da família militar.<sup>6</sup>

Figura 2 – Hospital Real Militar localizado no Terreiro de Jesus, anexo à Faculdade de Medicina da Bahia, 1808



Fonte: Anais do 1º Congresso Brasileiro de História da Medicina Militar (1972)

Medico Cirurgico em Faculdade de Medicina, permanecendo nas instalações do antigo Colégio dos Jesuítas, no Terreiro de Jesus, em Salvador.<sup>2</sup>

Também em 1832, foi decretada a extinção dos hospitais militares e foram criados os regimentais, para estabelecerem-se próximo do quartel, ou até mesmo dentro dele. O Hospital Real Militar do ex-Colégio dos Jesuítas retornou, em meados de 1832, para o quartel da Palma.<sup>6</sup>

Em 1844, ocorreu a transferência do Hospital Regimental do Quartel

### Hospitais militares de Salvador

Ao longo do tempo foram diversas as denominações e transferências de locais na prestação de assistência médica aos militares em Salvador:<sup>6</sup>

– Hospital Real Militar, instalado na enfermaria-botânica do extinto Colégio dos Jesuítas, em 4 de outubro de 1799. Funcionou até 17 de fevereiro de 1832;

– Hospital Nacional Militar e Hospital Nacional Imperial Militar, anteriormente Hospital Real Militar, de 1822 a 1825. Denominação dada desde a guerra pela Independência, ainda estabelecido no ex-Colégio dos Padres;

– Hospital Militar da Bahia, de 1825 a 1832, ainda funcionando no ex-Colégio dos Inacianos;

– Hospital Regimental da Bahia, desde 17 de fevereiro de 1832, quando retornou do ex-Colégio

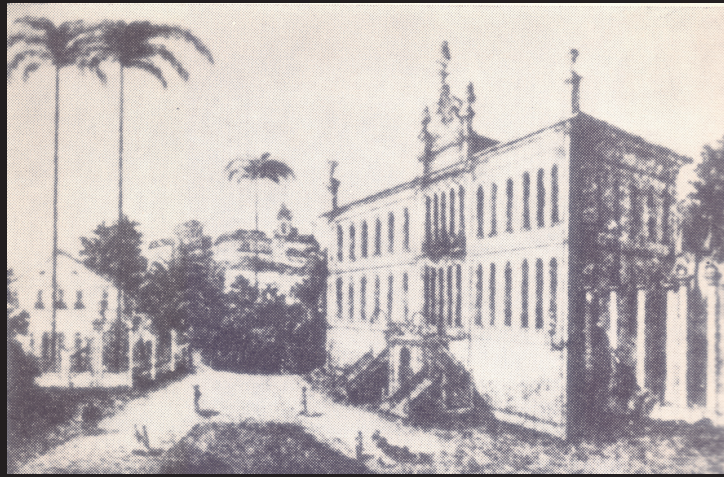
dos Jesuítas em 1º de julho do mesmo ano (1832) para o quartel da Palma;

– Hospital Militar da Bahia ou Hospital da Guarnição da província da Bahia – decreto de 25 de novembro de 1844, mudando-o do quartel da Palma para a Caza do Trem Militar dos Afflictos;

– Hospital Militar em Pitangueiras, transferência dos Afflictos para as Pitangueiras, em 24 de fevereiro de 1876, onde funciona até hoje e recebeu as seguintes denominações:

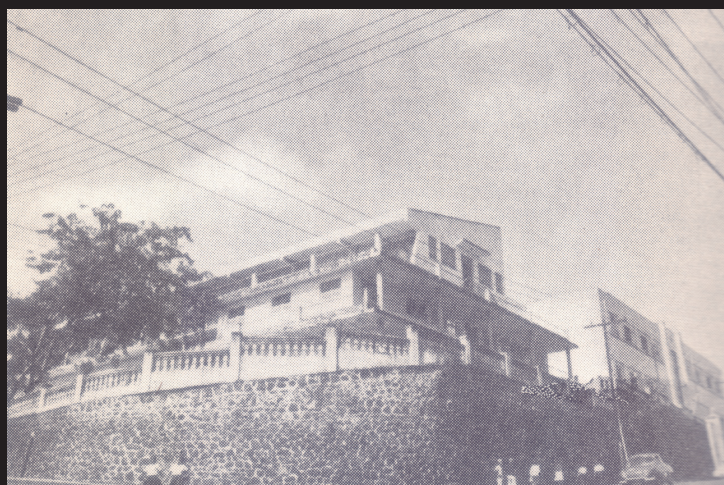
• Enfermaria Militar da Bahia – aviso de 5 de março de 1878;

Figura 3 – Fachada do Hospital Militar em Pitangueiras, 1872 – Salvador, Bahia



Fonte: Anais do 1º Congresso Brasileiro de História da Medicina Militar (1972)

Figura 4 – Fachada do Hospital Geral de Salvador em Pitangueiras, 1972 – Salvador, Bahia



Fonte: Anais do 1º Congresso Brasileiro de História da Medicina Militar (1972)

• Hospital Militar de 2ª Classe – decretos de 22 de março e de 7 de abril de 1890;

• Hospital Militar de 3ª Classe – decreto de 18 de junho de 1919;

• Hospital Militar de 1ª Classe – decreto de 31 de dezembro de 1921;

• Hospital Militar de Salvador – decreto de 14 de janeiro de 1937; e

• Hospital Geral de Salvador – Portaria nº 284, de 8 de julho de 1953 (Ministério do Exército/Comando Militar do Nordeste/Sexta Região Militar/Hospital Geral de Salvador – HGeS).

### Hospital Naval de Salvador

Durante a Segunda Guerra Mundial, foram realizadas construções pela Marinha americana por toda a zona costeira do Brasil, dotando-a de bases aéreas e navais objetivando a campanha antissubmarina no Atlântico Sul e eficientes pontos de apoio na rota aérea para a África. Assim, em Salvador foram construídas pelos americanos duas bases navais.<sup>7</sup>

A primeira, base aeronaval que ocupou uma área ao norte da península de Paripe, na Baía de Aratu, começando a funcionar em 13 de dezembro de 1941. A função dessa unidade militar era prestar apoio aos hidroaviões das forças navais americanas que eram empregados na vigilância antissubmarina.<sup>7</sup>

A segunda base naval americana, chamada de Base Baker,

ocupou o terreno onde hoje está instalado o Grupamento de Fuzileiros Navais de Salvador, na área portuária da cidade. Nessa base, foi implantada uma unidade naval para apoiar os destróieres, construção de alojamento e apoio para a tripulação dos navios, e a transferência de um dique flutuante para o local.<sup>7</sup>

Essas instalações, após a guerra, foram entregues à Marinha do Brasil que, depois de construções e adaptações necessárias, constituíram a primeira, a atual Base Naval de Aratu e a



segunda, a ex-Base Baker, na outrora Base Naval de Salvador, até a transferência desta para a Base em Aratu.<sup>7</sup>

A Marinha necessitava de instalações para atendimento de seus militares, que, até então, era realizado de forma precária na Base Naval de Salvador, na zona portuária e no Hospital Militar de Pitangueiras, onde também eram prestados serviços médicos aos militares e dependentes do Exército. Assim, através do Decreto nº 17.376, de 15 de dezembro de 1944, o antigo Hospital Manoel Vitorino, propriedade da Santa Casa da Misericórdia da Bahia, construído de 1914 a 1919, situado à praça Conselheiro Almeida Couto, bairro de Nazaré, na cidade de Salvador, foi declarado de utilidade pública, para

efeitos de desapropriação, com todos os móveis, utensílios, material cirúrgico e roupa.<sup>7</sup>

Pela Ordem do Dia nº 033, de 30 de dezembro de 1944, do Comandante do Comando Naval do Leste, denominado Comando do 2º Distrito Naval a partir de 1945, foi então criado e instalado nesse local o Hospital Naval de Salvador.<sup>7</sup>

A Administração Naval concluiu que o hospital devia ser transferido para outro local, devido as suas péssimas condições estruturais, possibilitando a execução de obras emergenciais. Em 11 de julho de 1947, a Ordem do Dia nº 10, do Comando do 2º Distrito Naval, considerou o hospital extinto, sendo seu material transferido para a Base Naval de Salvador, localizada na

área portuária, bairro do Comércio, nessa época o centro da cidade de Salvador.<sup>7</sup>

Posteriormente, pelo Decreto nº 29.616, de 27 de julho de 1951, publicado no Diário Oficial da União de 31 de julho de 1951, retornou o HNSa (figuras 5-12) a funcionar nas antigas instalações, no Largo de Nazaré, sendo essa, portanto, a data de referência da criação do HNSa.<sup>7</sup>

Em 1986, foi construído na área portuária o Ambulatório Naval de Salvador, porém a distância de 1,5km entre o hospital em Nazaré e esse ambulatório ocasionava muitos transtornos, pela impossibilidade de expandir o hospital para atendimento do contingente da Marinha local. A solução encontrada foi construir um novo hospital no terreno ao lado do ambulatório.<sup>7</sup>

Figura 5 – Fachada do Hospital Naval de Salvador – Nazaré, Salvador, Bahia



Fonte: Arquivo da Marinha (1951)

Figura 6 - Recepção - Hospital Naval de Salvador

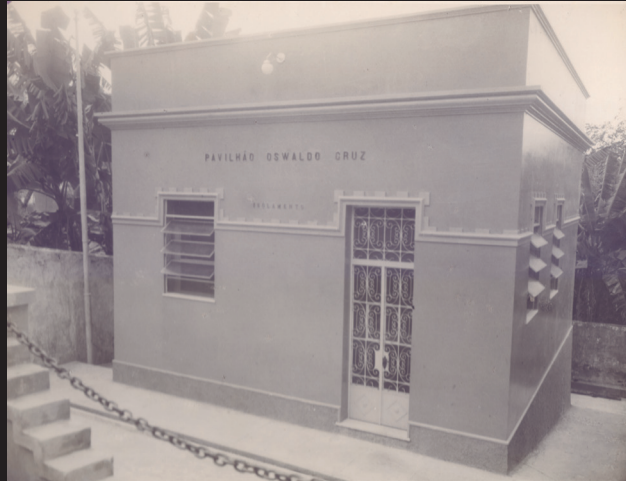


Fonte: Arquivo da Marinha (1951)



ARQUIVOS BRASILEIROS DE MEDICINA NAVAL  
Hospital Naval de Salvador: tradição e história

Figura 7 – Pavilhão de Isolamento – Hospital Naval de Salvador



Fonte: Arquivo da Marinha (1951)

Figura 8 – Visita do Governador Octávio Mangabeira (1886-1960) ao Hospital Naval de Salvador – Largo de Nazaré



Fonte: Arquivo da Marinha (1951)

Figura 9 – Pórtico do Hospital Naval de Salvador – Largo de Nazaré, Salvador



Fonte: Arquivo da Marinha (1982)

ARQUIVOS BRASILEIROS DE MEDICINA NAVAL  
Hospital Naval de Salvador: tradição e história

Figura 10 – Fachada do Hospital Naval de Salvador – Largo de Nazaré, Salvador



Fonte: Arquivo da Marinha (1982)

Figura 11 – Portal do Hospital Naval de Salvador – Largo de Nazaré, Salvador



Fonte: Arquivo da Marinha (1982)

Figura 12 – Gabinete do Diretor – Hospital Naval de Salvador



Fonte: Arquivo da Marinha (1970)

## ARQUIVOS BRASILEIROS DE MEDICINA NAVAL

### Hospital Naval de Salvador: tradição e história

Em janeiro de 1994, foram iniciadas as obras para a construção do novo hospital da Marinha (figura 13), na avenida da França, na Cidade Baixa, na área portuária de Salvador. No dia 27 de dezembro de 1994, foram inauguradas as novas instalações do HNSa (figura 14) junto ao Ambulatório Naval, que também foi reformado. Em 21 de janeiro de 1995, houve a transferência definitiva de todas as atividades do hospital localizado no antigo prédio em Nazaré e esse foi cedido

ao governo do estado, desvinculando-se da Marinha do Brasil.<sup>7</sup>

A Marinha ainda possui dois postos de saúde, um localizado na Base Naval de Aratu (Departamento de Saúde), para atendimento ambulatorial e de emergências médico-odontológicas aos militares, funcionários civis e populações das ilhas vizinhas, notadamente aquelas da ilha de Maré, além dos oficiais e dependentes residentes na Vila Naval de Inema. O outro ambulatório dista 4km da Base Naval de Aratu e fica localizado na

Vila Naval da Barragem, local de residência das praças. Esses dois ambulatórios são de extrema importância no pronto atendimento de todos os servidores e dependentes devido à distância de 40km do HNSa.<sup>7</sup>

O HNSa, atualmente, tem como missão contribuir para a eficácia do Sistema de Saúde da Marinha atendendo aos seus usuários, no tocante à execução das atividades técnicas de Medicina Assistencial, Operativa e Pericial, nas áreas de jurisdição do Comando do 2º Distrito Naval.<sup>6</sup>

Figura 13 – Construção do novo Hospital Naval de Salvador – área portuária de Salvador



Fonte: Arquivo da Marinha (1994)

Figura 14 – Fachada do Hospital Naval de Salvador – bairro do Comércio, Salvador, Bahia



Fonte: Arquivo da Marinha (1994)



## CONCLUSÃO

Como foi narrado, desde o Brasil Colônia, tempo de epidemias, a assistência hospitalar foi marcada pelo signo da caridade cristã. Seu primeiro objetivo era o socorro ao desvalido. Nessa época, devido à ausência de hospitais, os militares doentes curiosamente foram tratados nas propriedades de famílias abastadas, mas logo essa prática inicial revelou-se inadequada. O espírito caritativo do povo luso-brasileiro permitiu a implantação das Casas de Misericórdia com fins filantrópicos: assistir aos pobres e, também, aliviar as dores dos enfermos desamparados.

Posteriormente, foram criados hospitais próprios para tratamento dos militares. Em Salvador, os hospitais militares tiveram caráter itinerante, até a construção de

um hospital para atendimento aos militares da Marinha com privilegiada localização.

Dessa forma, a história do Hospital Naval de Salvador permeia aspectos da história do Brasil. A demanda sempre crescente a exercer forte pressão social e os desafios enfrentados pela administração naval, a quem cabe, como nos dias atuais, prover meios eficazes e abrir novas possibilidades de ação são fatos sempre marcantes na própria história da Medicina Militar no Brasil.

## REFERÊNCIAS

1. Congresso Brasileiro de Medicina Militar. Anais do 1. Congresso Brasileiro de História da Medicina Militar; 1972 abr 16-21; Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Departamento de Documentação e História da Medicina Militar; 1972.
2. Pereira S, Frutuoso RAM. Aponta-

mentos para a história médico-pericial na Marinha do Brasil. Arq Bras Med Naval. 2011 jan/dez;72(1):10-15.

3. Britto ACN. A medicina baiana nas brumas do passado [arquivos do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins]. Salvador: Contexto e Arte Editorial; 2002.

4. Frutuoso RAM. Beribéri: revisão histórica e documental na Marinha do Brasil. Arq Bras Med Naval. 2010 jan/dez;71(1):8-13.

5. Calder R. O Homem e a medicina: mil anos de trevas. São Paulo: Hemus Livraria Editora; 1995.

6. Britto ACN. A assistência aos militares enfermos na Bahia desde 1549 [conferência recitada no Hospital Geral de Salvador]. Salvador: Hospital Geral de Salvador; 2011.

7. Marinha do Brasil. Base Naval de Aratu: 40 anos. Edição Comemorativa. Salvador: Marinha do Brasil; 2009.

